

Muito importa quem se importa

Anelyse dos Reis David

Millena de Pinho Moraes Alves

Presença de médicos muda realidade da saúde

Mudanças dependem de tempo. Na saúde, para uma transformação mínima, só um ano pode não ser o suficiente. Porém, em Reriutaba, cidade a 309 km de Fortaleza, 12 meses conseguiram trazer à tona um ambiente de mais cuidado, mais atenção, mais cidadania. Esse é o período de atuação, no município, dos primeiros profissionais pertencentes ao programa federal Mais Médicos.

[...] Sete médicos do programa federal trabalham hoje em Reriutaba. Todos são cubanos. Com isso, áreas que nunca tinham tido médico agora têm atendimento, conforme o secretário da saúde, Francisco José Cavalcante Lima Melo.

Assim, aumentou a demanda por exames e medicamento, mais consultas foram realizadas. “Deu um salto gigantesco na saúde”, diz o secretário.

O “salto” é sentido por moradores como a dona de casa Rosa Maria de Assunção, 62. A localidade Riacho das Flores, onde ela e a família moram, nunca tinha tido médico. “Era muito ruim pra gente porque tinha que ir a Reriutaba pra ter atendimento. Agora, toda hora tem médico aqui”. Na unidade do local, a

Pedro Florêncio Cardoso, atende o cubano Jorge Luís Baños Toirac, 47. Depois de missão comunitária na Venezuela, encontrou no Mais Médicos nova oportunidade de exercer a “medicina comunitária”, como diz. Veio para o Ceará. Encantou-se.

“O que mais me impressionou foi o sentimento das pessoas. É uma gente simples, honesta. O ‘obrigado’ que dão é com o coração”, reconhece. Semanalmente, nas visitas domiciliares, encontra ouvidos atentos. Fala sobre amamentação, cuidados com a alimentação (já que hipertensão e diabetes são duas das doenças crônicas mais comuns na cidade). Assim, Jorge ensina. Porque ser médico é também ser professor.

No local em que Isidro Rosales Castro atende, a Unidade Básica de Saúde (UBS) Manoel Zeferino da Silva, na localidade do Oitizeiro, a satisfação também é sentida em qualquer conversa com pacientes. Isidro e a esposa, Esperanza Anabel Dans León, foram os dois primeiros médicos do programa a chegar a Reriutaba, em setembro de 2013. “Nunca nenhum médico tinha pedido exame de mamografia”, lembra a dona de casa Maria das Dores Pereira da Silva, 45, paciente de Isidro. [...]

Presença de médicos muda realidade da saúde. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/09/22/noticias/jornalcotidiano.3318355/presenca-de-medicos-muda-realidade-da-saude.shtml>>³³



Charge e montagens reúnem críticas e apoio ao programa Mais Médicos. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/album/2013/09/08/charges-retratam-programa-mais-medicos.htm#fotoNav=35>>



Charge e montagens reúnem críticas e apoio ao programa Mais Médicos. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/album/2013/09/08/charges-retratam-programa-mais-medicos.htm#fotoNav=8>>

Comentário³⁴

No dia 8 de julho deste ano, o Programa Mais Médicos do Governo Federal completou um

³³ Devido ao tempo, o acesso ao link foi expirado.

³⁴ O texto respeita o acordo ortográfico vigente no ano de 2014.

ano. Criado como medida de urgência, para vigorar por três anos, ele veio com intuito de suprir um déficit de médicos em diferentes regiões do país. As ações do governo em volta do programa não se limitam apenas em levar médicos para as regiões que mais necessitam. A ideia é que, até 2017, sejam abertas mais 11,7 mil novas vagas nos cursos de medicina em todo o país. Além de novas vagas, o programa prevê também a ampliação de residências médicas em diversas cidades do país, buscando não se concentrar apenas nas grandes cidades.

O programa iniciou com uma série de críticas do Conselho Federal de Medicina e da população, em grande parte desinformada. Foi um alarde quando o primeiro profissional estrangeiro pisou em solo brasileiro e foi apresentado como médico do programa. Um famoso exemplo foi o caso do cubano Juan Delgado. Quando este chegou ao Brasil, ainda no aeroporto em Fortaleza, foi recebido ao som de vaias e gritos xenófobos e racistas da elite médica brasileira. Além deste caso, houveram manifestações e críticas vindas de todos os lados.

Uma das principais críticas é a qualidade de ensino dos médicos em Cuba. Os cursos de medicina no Brasil têm semelhanças e diferenças em relação aos de Cuba. No geral, os currículos são muito parecidos, a maior diferença está na formação do que é ser um médico e qual o seu papel na sociedade. A visão da medicina cubana é mais preventiva, diferente do Brasil em que o foco sempre está na cura da doença e não no que é necessário fazer para evitar adoecer. Um dos motivos por Cuba ter adotado esse modelo de ensino é

devido ao embargo econômico sofrido, desde 1962, que dificultou a importação de tecnologia e de medicamentos. Boa parte dos profissionais estrangeiros que vêm para o Brasil são direcionados a trabalhar na atenção básica e preventiva, área na qual os cubanos estão mais preparados. Aquela velha máxima: é mais barato e menos trabalhoso prevenir do que remediar.

No Brasil, a medicina preventiva fica em segundo plano e os atendimentos médicos são reféns de pedidos de exames e de tratamento com medicamentos, ambos em sua maioria com alta tecnologia e importados. O ensino cubano, como já citado, é diferente em relação ao brasileiro. Na ilha os médicos têm condições de atender pacientes sem utilizar somente a alta tecnologia, o que facilita sua ida para o interior do país, onde os médicos brasileiros elitizados afirmam não ter condições de realizar atendimento por falta de estrutura. Não se redime aqui a precária infraestrutura dos deficitários hospitais e postos de saúde, mas não ir para o interior por este motivo não é um argumento justificável.

Outra crítica foi a falta de concordância com a vinda de médicos estrangeiros para cobrir o déficit de profissionais. No entanto, é válido ressaltar que antes de abrir vagas para médicos estrangeiros, o Programa Mais Médicos deu oportunidade para os profissionais formados no Brasil, depois para os brasileiros formados no exterior e por fim aos estrangeiros, e mesmo assim a adesão foi grande apenas entre médicos estrangeiros. Além do mais, quem fez essa crítica provavelmente não olhou a

situação da população mais afastada dos centros urbanos, que não possuem profissionais para atendê-los. A respeito deste problema, o governo tentou saná-lo criando o Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica (Provab), para levar médicos ao interior e aos subúrbios. Contudo, nem 30% das vagas oferecidas foram ocupadas, então como que ficaria a situação das pessoas? É desumano deixá-las passando necessidade até que os médicos brasileiros resolvam abrir mão de suas vidas nos centros para morar no interior.

Tais médicos afirmam que ir para o interior é uma questão que vai muito além da simples decisão de sair ou não dos grandes centros. Para eles, aceitar um trabalho no setor público, e principalmente no interior, significa trabalhar sob péssimas condições, com pouco ou nenhum equipamento e sem um plano de carreira estruturado, como todo profissional almeja, e como realmente deveria ser. Porém, temos que pensar o que é a profissão de médico aqui no Brasil, pois diferente de outros países, a sociedade os torna “superiorizados”. Aqui, médico não é só uma profissão, é sinônimo de *status*.

Apesar das críticas, o Programa Mais Médicos completou seu primeiro ano e a aprovação do programa pode ser vista pela diferença que trouxe para o País. Segundo os dados do Ministério da Saúde, foram contratados 14,4 mil profissionais, 11 mil cubanos, 75% deles enviados para locais de vulnerabilidade social, aumentando em 35% o número geral do atendimento de consultas na atenção básica.

Um dado muito interessante foi a queda de 20% de encaminhamento de pacientes para hospitais, mostrando que os efeitos do programa já são positivos.

Mesmo depois de passado um ano do programa, os Conselhos Federal e Regionais de Medicina criticam a ausência da revalidação do diploma. De acordo com a nota emitida por eles, em setembro deste ano: “[a] ausência de validação de diplomas [...] coloca a população, especialmente a das regiões mais carentes, vulneráveis à ação de indivíduos sem o devido preparo e qualificação”. Realmente, é muito tocante a preocupação dos conselhos de medicina, mas parece que eles não veem que essa mesma população com a qual tanto se importam está abandonada e sem nenhum atendimento médico. A validação de um diploma, cuja procedência é de um país com um dos melhores sistemas de saúde da América, Cuba, não passa de uma burocracia para um assunto tão importante e necessário: a saúde de milhares de pessoas. Estamos tratando aqui do país com uma das maiores expectativas de vida e a menor taxa de mortalidade infantil da América Latina.

O programa foi bem aceito, já que para 86% da população dos municípios que receberam os médicos do programa, houve melhora no atendimento. Mas muito mais importante do que números e dados, é poder ver o carinho e a atenção que a população mais necessitada recebe e retribui. Os médicos que fazem parte do programa o fazem por amor à profissão, uma atitude que vai muito além de dinheiro ou *status*. Há uma relação que não se limita ao

atendimento formal, os médicos vêm tratando seus pacientes com carinho e uma enorme dedicação, sendo retribuídos com sorrisos e agradecimentos dos pacientes.

Ainda precisamos avançar muito na saúde do País. O Programa Mais Médicos está amenizando uma situação precária, principalmente nas regiões mais abandonadas pela elite médica brasileira. Entretanto, o programa não é a solução dos nossos problemas, apesar de suma importância no momento. Mas quais seriam os reais motivos que a elite médica brasileira é contra? Será que é contra por medo da melhora do serviço público de saúde, reduzindo a procura pelo serviço particular de medicina? Ou seria pela perda de espaço no mercado de trabalho, pelo surgimento de uma medicina fora dos moldes da brasileira? Mas afinal, o que realmente IMPORTA?

Muito IMPORTA quem se IMPORTA